

PSICANÁLISE

Sérgio Telles

Fragmentos clínicos de psicanálise

4ª edição

Blucher

FRAGMENTOS CLÍNICOS DE PSICANÁLISE

Sérgio Telles

4ª edição

Fragmentos clínicos de psicanálise, 4ª edição

© 2023 Sérgio Telles

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Jonas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Preparação de texto Catarina Tolentino

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Gabriela Castro

Capa Leandro Cunha

Imagem de capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Telles, Sérgio.

Fragmentos clínicos de psicanálise / Sérgio

Telles. – 4. ed. – São Paulo : Blucher, 2023.

222 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-752-1

1. Psicanálise. 2. Psicanálise – Estudo de casos. 3. Psicanálise – Interpretação. 4. Psicologia clínica. I. Título.

23-1426

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Agradecimentos	7
Apresentação da 4ª edição	9
Apresentação	11
<i>C. Guillermo Bigliani</i>	
Parte 1	15
Introdução	17
Aspectos teórico-técnicos	25
Parte 2	59
As sessões	61
Sessão 1 – Jonas	63
Sessão 2 – Bia	71

Sessão 3 – Bóris	81
Sessão 4 – Joana	93
Sessão 5 – Paula	99
Sessão 6 – Mariana	105
Sessão 7 – Marcelo	113
Sessão 8 – Mônica	125
Sessão 9 – Amália	131
Sessão 10 – Miriam	139
Sessão 11 – Marta	149
Sessão 12 – Olga	157
Sessão 13 – Lindaura	167
Sessão 14 – Edna	171
Sessão 15 – Juliano	175
Sessão 16 – Ada	181
Sessão 17 – Júlia	189
Sessão 18 – Teresa	195
Sessão 19 – Marília	199
Sessão 20 – Rafael	207
Posfácio	213
Referências	219

As sessões

Os capítulos subsequentes consistem de sessões psicanalíticas em que, resguardadas as alterações de praxe necessárias para proteger a privacidade do analisando, tento reproduzir, da maneira mais direta possível, o que ali aconteceu, tanto na fala do analisando e em suas atitudes transferenciais como em eventuais reações contratransferenciais mais pronunciadas de minha parte. Seguindo o modelo freudiano, procuro mostrar como – pela linguagem – interação atencional flutuante e associação livre.

O objetivo não é apresentar uma sessão inteira, ou mesmo mostrar as respostas do analisando às interpretações e às construções, sabidamente as únicas formas que temos para validá-las ou não. Tento captar o analista em seu papel, em seu ato e em sua ação, ao dar sentido e significação àquilo que aparentemente não o tem.

Como já vimos, a interpretação e a construção são hipóteses organizadas a partir dos referenciais teóricos do analista. Dessa forma, não é por acaso que os materiais escolhidos evidenciam muitas vezes a problemática da castração, conceito de grande

importância no aparato teórico freudiano e neofreudiano francês, com o qual muito me identifico, assim como com o rico acervo kleiniano.

Optei por não incluir referências bibliográficas ou teóricas e, ao escrever, mantive a mesma linguagem que usei com o analisando. Quero, assim, deixar o material clínico bem claro e desembaraçado, o que, junto a alguns dados da história, possibilitará ao leitor fazer um exercício de interpretação e de construção, podendo chegar a suas próprias conclusões, as quais poderá confrontar com as minhas, que estão dispostas em um comentário colocado no final do capítulo.

Essas vinte sessões foram escolhidas porque nelas, excepcionalmente, foi possível configurar uma construção plausível no curto espaço de cinquenta minutos, coisa que, na maioria das vezes, demanda muito mais tempo e trabalho.

Talvez por isso esse conjunto de sessões leve o leitor a concluir que o trabalho do analista ocorra sempre dessa forma, porém isso não é verdade. Não poucas vezes temos de suportar longos períodos caminhando na escuridão, andando às apalpadelas, antes que se esclareça o que está ocorrendo com o analisando. Até lá, aguentamos silêncios ou falas evacuatórias agressivas, cheias de angústia e frustração, que nos invadem e nos fazem sentir impotentes e incapazes. Mas sabemos que, vencidas as resistências, inevitavelmente se configurará um sentido, estabelecer-se-á a compreensão dos processos internos do analisando, que se manifestam no seu discurso, na sua transferência.

Sessão 1 – Jonas

Jonas começa a sessão relatando ter encontrado novamente uma colega de trabalho sobre a qual tem falado bastante nos últimos tempos, por sentir-se muito atraído por ela. Mais uma vez diz como a acha atraente e como a deseja sexualmente.

Escuto calado, registrando o tom de desafio e provocação com que Jonas se dirige a mim, como se quisesse me afrontar ou desafiar ao dizê-lo.

Mantenho-me em silêncio e, após um curto intervalo, Jonas volta a falar. Diz que, daquela vez, enquanto estava com a colega, lhe ocorrera uma ideia que o deixara extraordinariamente excitado: imaginara como seria bom se ela urinasse em seu rosto.

Até então eu ouvia seu relato com certa indiferença, devido a sua conotação um tanto repetitiva e insistente nas últimas sessões. No entanto, ao ouvir sua fantasia, sinto-me pego de surpresa. Ela me parece inesperada e inusitada, não condizente com o mundo interno de Jonas. Sinto-me alerta e me coloco algumas questões: por que estaria ele me contando isso agora? Por que

o fazia de maneira desafiadora? Por que, apesar de dizer que tal fantasia o deixava excitado sexualmente, parecia perplexo e angustiado com ela?

Viktor Smirnof (1995) disse: “Desse discurso que mergulha em seus ouvidos, o analista procura, como dizem os ingleses, *to make sense*, considerado aqui não somente no seu valor idiomático de tornar sensato o que não o é (*nonsense*), mas no sentido estrito: ‘fazer ou criar sentido’”. É o que, como analista, começo a tentar fazer. Começo a construir significados.

Lembro como ultimamente Jonas tem relatado um comportamento galanteador com todas as mulheres, não só com a colega que menciona nas últimas sessões, um comportamento que não lhe era habitual. Na verdade, tal conduta se instalara quando ele soube da gravidez de sua mulher.

Essa coincidência temporal e o material associativo me permitiram entender isso como uma tentativa de atuação de Jonas diante da gravidez de sua mulher. Tenho, conseqüentemente, mostrado a ele, sempre que o material aparece, como ele está se sentindo ameaçado pela gravidez, como ela faz com que se sinta abandonado e traído por sua mulher e, por esse motivo, tenta retaliar, vingando-se ao se imaginar traindo-a das mais variadas formas.

Construí essa situação a partir de dados que Jonas trouxera no decorrer da análise. Lembro que, quando começou, Jonas namorava a atual esposa e vivia seu futuro casamento como uma traição a sua família, constituída pelos pais e um irmão mais novo.

Os pais residiam no interior do estado e ele morava em São Paulo, com o irmão. Embora esse irmão fosse um profissional de sucesso, Jonas continuava a vê-lo como uma criancinha a ser protegida, atitude que mantém desde sua própria infância. No decorrer da análise, tínhamos visto como sua compulsiva necessidade

de proteger o irmão configurava uma poderosa formação reativa frente ao ódio que sentia por ele, sua vontade de destruí-lo, a ele que efetivamente o destronara ao nascer e que se tornara o filho preferido do pai. Desnecessário lembrar que sua poderosa rivalidade fraterna era um mero deslocamento de sua conflitiva mais séria e importante, a situação edipiana, sua rivalidade contra o pai e seus ciúmes da mãe.

O analisando só conseguiu se casar ao se separar afetivamente do irmão, ao compreender e elaborar a formação reativa que controlava seu ódio e sua agressividade frente a ele.

Assim, parecia que uma das razões pela qual ficava tão ameaçado com a gravidez de sua mulher se devia a uma reatualização de sua vivência de abandono frente à gravidez de sua mãe e ao nascimento de seu irmão.

Lembro que, há pouco tempo, imediatamente antes que a mulher engravidasse, Jonas tinha trazido um material em que se ressentia com sua futura e planejada gravidez, porque isso a impediria de trabalhar. Jonas perderia a “força de trabalho” dela, como dizia, e os dois ganhariam menos dinheiro.

Nessa mesma sessão, Jonas relatou que uma vaca havia sido roubada na fazenda do sogro. Haviam encontrado só a *barrigada* do animal.

Pergunto-lhe o que quer ele dizer com *barrigada*. Jonas explica que *barrigada* são as vísceras da vaca, as quais os ladrões abandonaram por não terem valor comercial.

Como *barrigada* significa também *parição de filhotes, gravidez*, significados não levados em conta naquele momento por Jonas, foi possível mostrar-lhe como vivia sua ambivalência em relação a gravidez da mulher.

Entendi que, ao mesmo tempo em que desejava a *barrigada* da mulher, ou seja, que ela engravidasse, Jonas também desejava atacar sadicamente seu ventre, tirar-lhe a *barrigada*, fazer uma eventração, eviscerá-la, destruindo não só a *barrigada*, o filho fruto das relações sexuais, mas a ela mesma, tal como fizera o ladrão, roubando e matando a vaca.

Revelava, assim, o ódio infantil pela mãe, sentimento despertado pela gravidez dela, entendida como traição e abandono, ódio que seria estendido ao irmão e que – devido à formação reativa – se transformara em um cuidado compulsivo para com ele. Tudo isso se reatualizava com a gravidez da mulher.

Lembro ainda que, logo ao se casar, por um longo tempo, Jonas não conseguia atingir o orgasmo e ejacular, o que lhe foi interpretado – entre outras coisas – como forma de evitar a temida e indesejada gravidez.

Assim, quando ouvi sua fantasia – o “excitar-se com uma mulher que urinaria em seu rosto” –, de certa forma, repassei automaticamente toda essa situação em minha mente, tentando entender e descobrir como isso se inseriria no contexto existencial e analítico em andamento, nas cadeias associativas que se tinham revelado recentemente. Faria ela parte de todo esse complexo de fantasias e sentimentos desencadeados pela gravidez de sua mulher?

Noto meu interesse contratransferencial, reconheço que estou curioso; tenho vontade de saber mais, mas mantenho-me em silêncio.

Jonas volta a falar como seria excitante se a colega urinasse em seu rosto.

Pergunto-lhe como vê essa excitação: por que o fato de ter uma mulher urinando em seu rosto o deixaria excitado sexualmente?

Jonas diz inicialmente não saber responder, mas, em seguida, vai associando algumas ideias. Diz que, em sua opinião, as mulheres têm uma grande vergonha ao urinar; não o fazem na frente de qualquer pessoa. Essa vergonha se daria pelo fato de não terem pênis. Elas urinam escondidas, secretamente. O próprio fato de urinarem sentadas já mostrava a vergonha, o esconder-se, o disfarçar. Elas jamais urinariam de pé, pois se molhariam inteiramente, na medida em que o jato de urina não se afastaria do corpo e escorreria pelas pernas, o que as deixaria mortificadas.

Em sua fantasia, Jonas me diz que se via deitado, a colega estaria de pé, com as pernas bem abertas, urinando em seu rosto. Sua posição permitia-lhe observar exatamente a genitália da colega e, mais ainda, sua face, na qual via seu embaraço e humilhação, posto que ele presenciava sua vergonha e constrangimento. E era exatamente isso que o deixava excitado.

Mostro-lhe que, ao descrever mais minuciosamente sua fantasia, ela fica um tanto modificada. O que está em jogo não é propriamente receber o jato de urina no rosto, coisa que, de resto, a crer em sua descrição, nem ocorreria, e sim – muito mais – observar a face de sua colega, na qual, ele acreditava, estariam estampadas a vergonha e a humilhação por estar ele observando a micção. Isso sim seria o motivo de seu prazer.

Jonas concorda. Volto a falar, sublinhando que seu prazer implica a humilhação e a submissão da colega.

Há, pois, uma reviravolta. O que parecia ser uma submissão sua, o ficar na posição humilhante e submetida de receber o jato de urina, na verdade oculta e revela a situação oposta, a de humilhação e submissão do outro (a colega).

O que parecia ser uma fantasia masoquista se revela como sádica.

O relato de Jonas deixa mais clara sua fantasia, o que me permite considerar que ela se encaixa no contexto analítico em andamento, nas cadeias associativas investidas que têm aparecido ultimamente, pois tudo o que Jonas tem trazido nas últimas sessões gravita em torno dos complexos de Édipo e de castração. Essa sua fantasia é apenas um derivado mais direto e menos distorcido do fantasma de castração, descrito da maneira mais limpa e cândida pelo analisando, *descrição tanto mais valiosa por não ter ele nenhum conhecimento da teoria analítica*. Além disso, *essa fantasia confirma* as construções que eu vinha fazendo até então.

Como se sabe, mais que uma concordância ou uma negação, o que vai validar uma interpretação ou uma construção é o material associativo subsequente. Dessa maneira, a fantasia aparece como resposta ao trabalho que vinha sendo realizado até então. E ela, relatada por Jonas espontaneamente, traz um fragmento conservado com perfeição da sexualidade infantil – a maneira como as crianças interpretam a diferença anatômica entre os sexos, a teoria infantil do único sexo, o fálico.

Como diz Lacan, à castração enquanto mutilação imaginária corresponde a castração simbólica, aquela que implica o rompimento da ligação narcísica com a mãe. A percepção da diferença anatômica entre os sexos seria vivenciada imaginariamente como decorrente de uma castração, e essa vivência retroativamente ressignifica a ferida narcísica da perda da mãe, com a dor e o sofrimento nela implicados, afetos que Jonas projeta na mulher, vista então como inferior e humilhada.

Ao fazer fantasias sexuais com a colega, Jonas a coloca como objeto de amor e desejo, estando sua mulher no lugar do objeto abandonado, atacado agressivamente. O curioso é que, em tal fantasia que traz agora, a própria colega é também vítima de sua agressão. Parece ser ela uma mera substituição de sua mulher, que,

por sua vez, é a representante de sua mãe, de quem efetivamente se vinga.

Em sua fantasia, quando goza com a mulher urinando em seu rosto, Jonas projeta na mulher, a quem humilha, a angústia decorrente da exclusão, em uma reatualização das vivências infantis ligadas à gravidez da mãe.

De que maneira toda essa situação se reflete na transferência?

Em primeiro lugar, o fato de estar Jonas me contando todas essas intimidades, coisa que não diria a seu amigo mais próximo, evidencia sua posição dentro da transferência, uma estrutura assimétrica na qual ele, o que não sabe, conta seus segredos a um “suposto saber”, a uma figura paterna. Mas esse é um enquadre macroscópico e abrangente, que pode ser mais delimitado.

Não devemos esquecer que Jonas relata suas fantasias em um tom de clara provocação e rebeldia, como se desobedecesse às minhas ordens e aos meus desejos.

Desde a gravidez da mulher, quando começou a falar de seu desejo de ter relações sexuais extraconjugais, minhas interpretações e construções eram sentidas por Jonas como desaprovações e censuras.

Isso tinha várias conotações. Em um nível, ativava uma transferência paterna. O analista era o pai que proibia e a quem ele desobedecia sistematicamente, reatualizando sua vivência com o pai desacreditado e frágil de sua infância.

Mais profundamente, atualizava comigo o próprio conflito com a mãe: ao sentir que eu o reprovava com minhas interpretações, colocava-me no papel da mãe que não o protegia, não tomava seu partido e que cuidava só do outro filho – no caso, sua mulher. Assim, ele se vingava, atacando-me e “desobedecendo-me”.

Ou seja, na compulsão à repetição, o triângulo se reconstituía de várias formas. A mulher grávida era vista como a mãe grávida que exibia o fruto da traição, que o relegava por causa do filho mais novo, fruto do amor com o pai, deixando-o alijado, ciumento e raivoso. Na transferência, sentia que o analista se aliava à mulher, protegendo-a e, conseqüentemente, escorraçando-o, o que o deixava cheio de ódio e desejos de vingança, levando-o a atacá-lo.

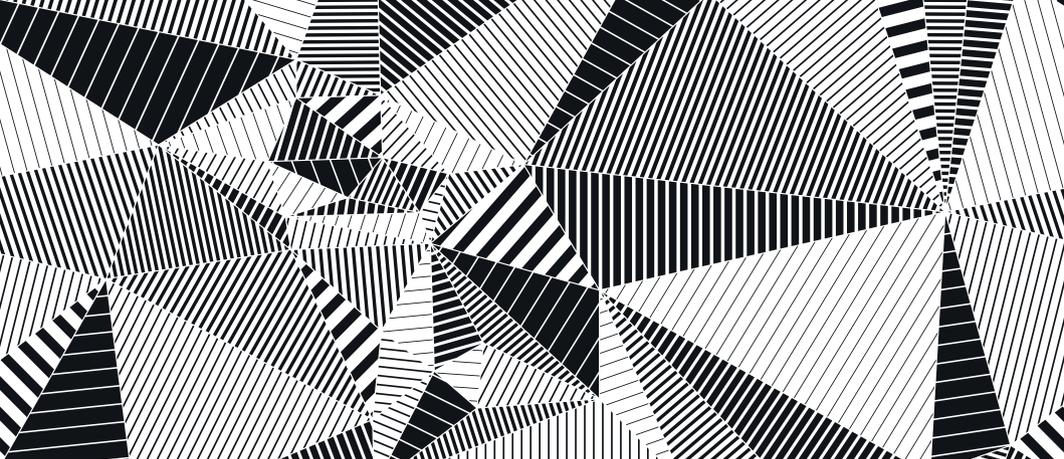
Nesse ponto, o quadro estava temporariamente completo em minha mente, e é então que falo para Jonas minhas interpretações e construções, que são hipóteses a serem confirmadas no material subsequente e em sua conduta sintomática.

A compreensão atingida nesse momento da análise não traz nenhuma novidade especial, sendo apenas mais um elemento dentro do contexto interpretativo em andamento, e foi dada ao analisando nessa e em sessões subsequentes, no lento trabalho de perlaboração ao qual se dedica o analista.

Jonas não ter atuado sua exclusão infantil desenvolvendo relações extraconjugais foi visto como decorrente do efeito terapêutico dessas interpretações e construções, que o ajudaram a integrar aspectos infantis de seu Édipo, suas fantasias sádicas agressivas contra a mãe-mulher, que, se atuadas, gerariam culpa e terminariam por se voltar contra ele mesmo, destruindo seu relacionamento conjugal, por ele mesmo muito valorizado.

O fato de Jonas, depois do nascimento do filho, ter fantasias de matá-lo – jogando-o pela janela do apartamento ou enfiando um lápis em sua fontanela – dá prova da persistência e força de sua conflitiva com o irmão. Evidencia como o complexo de Édipo do pai se manifesta diretamente no contato com o filho, o que coloca nosso analisando, pois, na dupla posição de Édipo e de Laio.

Que Laio seja apenas uma outra face de Édipo é a prova maior da dimensão estruturante desse complexo.



Sérgio Telles, um analista que já recebeu vários prêmios por sua produção ficcional, neste *Fragmentsos clínicos de psicanálise*, apresenta vinte sessões comentadas, às quais se acrescentam dois substanciosos capítulos argumentativos, sobre os referenciais teóricos da escuta e sobre a delicada questão de como proteger a privacidade dos pacientes a quem nos referimos em um escrito clínico.

É um prazer acompanhar o autor nessas reflexões, como que espiando por cima de seu ombro enquanto pensa, interpreta, constrói e revisa suas formulações. O amplo conhecimento da obra de Freud, Melanie Klein, Lacan, Winnicott e outros autores se soma aqui a uma refinada sensibilidade e um vasto repertório de cultura geral; além disso, a habilidade na exposição e um agudo senso das proporções – evitando o cacoete tão presente nesse tipo de texto, de sobrecarregá-lo com informações inúteis para a compreensão do argumento – tornam convincente o pensamento de Sérgio Telles, consistentes os personagens de suas narrativas e sólidas as construções que apresenta.

Renato Mezan

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-752-1



9 786555 067521



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Visita às casas de Freud e outras viagens

Sérgio Telles

ISBN: 9786555067521

Páginas: 222

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
